

ENTREVISTA

Carreira – Engenharia Elétrica

1**VOCÊ SABIA QUE...**

Vasco da Gama

5**COLUNA M**

Como calcular o dia da semana

7**CONTO**

A sociedade – Antônio de Alcântara Machado

4**ARTIGO**

Vírus da dengue é mais estável do que se pensava

6**ESPECIAL**

Música e cultura para o público infantil

8**ENTREVISTA**

Rodrigo Tamiazzo do Nascimento

“Uma coisa que a Poli faz é formar pessoas competentes que sabem se virar e ir atrás de soluções.”

Rodrigo Tamiazzo do Nascimento entrou em 2008 na Poli, onde cursa Engenharia Elétrica, com ênfase em Computação. Tem certeza de que fez a escolha correta de carreira, pelos muitos caminhos que a Engenharia oferece. Ele se forma em meados do ano que vem, atraso provocado por ter ido passar oito meses na Áustria. Um dos seus sonhos é trabalhar com Educação.

JC – Por que você escolheu Engenharia Elétrica como carreira?

Rodrigo – Sempre gostei de mexer em aparelhos eletrônicos, entender como as coisas funcionam. Muitas vezes eu não entendia nada, mas abria só para ver como era. Como na época do colegial me dava melhor em Exatas, sabia que teria muito mais chance e ficaria mais confortável numa carreira dessa área, de preferência que mexe com elétrica. Sabia que era o melhor caminho que eu podia escolher.

Além da Fuvest, você prestou outros vestibulares?

Prestei também Unicamp, para um curso relativamente fácil, de Tecnologia. É bem fácil e tirei o 1º lugar para o curso. Na verdade, eu só queria a Poli. Tanto por ser aqui em São Paulo como pelo nome que ela tem. Não me imaginava em outra faculdade. Se não entrasse, faria o cursinho.

Como foi seu início no colégio?

No começo tive de me adaptar às provas, todo dia. Mas não demorou muito e me acostumei. Para mim não foi nada absurdo, foi natural. Simplesmente você sabe que tem de estudar, que no dia seguinte tem prova. O meu dia era basicamente a escola.

Ao decidir prestar vestibular para Engenharia, mudou alguma coisa em seu método ou na intensidade de estudo?

Mantive como era. Não precisava me obrigar muito além do que a escola já oferecia.

Como foi a adaptação à Poli?

Tinha de tomar dois ônibus, demorava pelo menos uma hora e meia, duas horas para chegar na Poli. No colégio eu estudava à tarde, na faculdade as aulas começavam às 7 e 30 da manhã, tinha de acordar às 5 e meia. Foi um pequeno choque isso, tirando que o esquema de faculdade é diferente. É outro universo. No colégio eles ajudam você de todos os lados. Na faculdade você tem de descobrir muita coisa por si mesmo, tem de ir atrás para se informar. O jeito que você tem de estudar é diferente.

O que você teve em cada ano do curso, em termos de matéria?

No biênio, tive Física e Cálculo, Introdução à Engenharia, matérias pequenas de Química, Materiais, Introdução à Computação. São vários tópicos, é bem generalista. Tive uma matéria da Civil, trabalhando com AutoCad.

No fim do biênio, você optou por qual ênfase?

No final do 2º ano eu já estava em Elétrica. Optei pela ênfase em Sistemas Eletrônicos.

Nessa ênfase, o que você estudou?

Vi Circuitos Elétricos, laboratório digital, que é aprender a programar circuito digital com simuladores. Mas aí fui ficando mais interessado em Computação e, no final do 3º ano, pedi transferência para o curso cooperativo da Poli em Engenharia da Computação. Um dos motivos principais da minha atração pelo curso cooperativo foi poder estagiar logo no começo. No 4º ano oficial desse curso você tem oito meses de estágio e quatro meses de aulas. É um esquema diferente.

Como se desenvolve o curso cooperativo?

É bem mais voltado para a área de programação. Uma dica útil para quem entra na área de Computação na Poli: eles não vão ensinar a programar. Você tem de aprender bastante por fora. Mas tem matérias voltadas para programação. Existem matérias de redes para você saber como funciona comunicação de computadores. É interessante. Nem sempre as aulas são bem ministradas, muitas vezes você não aprende tanto como poderia. Mas tem muita coisa para tirar proveito, tanto na teoria quanto na prática.

Por que você não continuou no curso cooperativo?

Fiquei no cooperativo até agosto de 2011. Não pude continuar devido a umas dependências que eu tinha. De janeiro a abril eu tive o quadrimestre de aulas. Depois seria um quadrimestre de estágio, mas você só pode estagiar se não tiver DP. Eu tinha. Naquele ano, de maio a junho, eu terminei uma DP. Depois tinha duas DPs que eram no segundo semestre de 2011. Comecei essas matérias, mas aí eu queria dar um tempo. Tranquei e fui para a Áustria.

O que levou você a ir para o exterior?

São motivos pessoais. Eu queria um tempo para mim. Tenho tios que moram em Viena – por que não ficar um tempo lá e continuar tudo de forma certa no ano seguinte? Em agosto de 2011 viajei para a Áustria. Fiquei até abril de 2012.

O que você fez em Viena?

Nos primeiros quatro meses, fiz curso de alemão. Era intensivo, todo dia no período da manhã e um pouco à tarde. Na verdade, fiquei os oito meses fazendo esse curso. Em janeiro de 2012 comecei a trabalhar também. Era um estágio numa empresa onde minha tia trabalha com computação. Foi questão de articular com o patrão dela. O estágio era de seis horas diárias. De manhã ia para o curso de alemão e à tarde estagiava. Às vezes ficava mais, às vezes ficava menos.

Seu conhecimento de alemão já estava bom o suficiente?

Estava bom. Antes do curso na Áustria, eu tinha estudado alemão durante os três primeiros anos de Poli. Em

programação, é claro, você precisa se comunicar com as pessoas, às vezes precisava tirar uma dúvida, mas boa parte do dia eu trabalhava no meu sistema. Mesmo se eu não soubesse muito da língua, dava para me virar falando inglês.

Qual era sua atividade nesse estágio?

Desenvolvimento de pequenos aplicativos de qualidade. São para você gerenciar, fazer uma administração. Eram vendidos para escolas, cursos, até para a prefeitura.

Como foi a experiência de morar na Áustria?

Para começar, diria que é outro mundo, a cultura, o transporte, o tempo, a televisão. A comida é bem diferente, Viena é uma cidade interiorana, às 8 da noite está tudo fechado. Pedir uma informação não era trivial, lá tem um idioma oficial e vários dialetos. Mas gostei bastante. Valeu muito.

Além desse trabalho em Viena, você fez algum outro estágio durante o curso?

Fiz mais dois estágios em empresas de programação. Um foi antes de viajar, na Software Express. O outro foi depois que voltei, numa empresa chamada Codus, durante quatro meses. Isso foi em 2012. Os dois estágios em desenvolvimento de *software*, com aplicações diferentes.

Como foi o retorno à Poli?

No começo é diferente, é difícil se acostumar de novo à sua antiga rotina. Mas, passado um tempo, você volta a ver as coisas como via antes.

Ao retomar o curso semestral de Engenharia Elétrica, você voltou à ênfase em Sistemas Eletrônicos?

Não, eu mudei a ênfase para Computação.

Quando se deu essa mudança?

Foi este ano. Entre Engenharia Elétrica com ênfase na Computação e Engenharia de Computação Cooperativa a diferença de matérias é muito pequena. O departamento é o mesmo, a grade dos dois é praticamente a mesma. Duas, três matérias diferentes. Muitas pessoas com quem eu conversei perguntaram por que eu ia pedir transferência no último ano, já que no final não iria ter muita diferença.

Então, por que você mudou?

Tem pessoas que são apaixonadas por trabalhar em programação, são entusiastas, gostam de programar, viver isso. Eu não me encaixei muito nesse perfil. Até gosto de programar, mas não consigo ver a minha vida inteira programando. Achei muito mais coerente me formar como engenheiro eletricista com ênfase em computação.

Durante o curso você chegou a ter dúvida em relação à carreira?

Sim, tenho até hoje.

Essa dúvida se dá por quais motivos?

É que eu imagino que você sempre pode fazer mais. Às vezes dá um pouco de receio de..., por exemplo, não me agrada muito uma estrutura empresarial em que a vida, a princípio, se resume à empresa, à sua carreira. As pessoas dentro da Engenharia querem que você entre de cabeça na empresa, que você dedique sua vida à empresa. Me incomoda um pouco essa ideia de você não poder ter uma vida além de sua carreira profissional. A Engenharia obriga a viver muito dentro dela.

Você disse que o curso na Poli depende muito do aluno. A escolha da atividade profissional também não depende de cada um?

Depende de cada um, mas conheço muitas pessoas que tocam a vida sem saber o que querem exatamente. Ou não chegam ao desejado nível de realização.

Se você não fizesse Engenharia, qual outra carreira gostaria de seguir?

Tem vários caminhos que eu gostaria de seguir. Posso ser engenheiro e seguir vários desses caminhos, mas eu penso na área acadêmica. Poderia ter feito Licenciatura em Matemática, Física, já visando a uma carreira acadêmica. Você pode se sentir muito mais realizado trabalhando com Educação, por exemplo.

Hoje, qual é sua maior preocupação?

É conseguir fazer o TCC funcionar, ser aprovado em todas as matérias e me formar.

O seu TCC é individual?

Em grupo.

Qual é o tema?

É sobre Inteligência Artificial. A nossa meta é saber melhor como ir de um lugar a outro em um terreno. Do lugar A para o lugar B. Existem obstáculos no caminho, tem de aprender por onde ir. Mais ou menos isso.

Você fez algum trabalho de pesquisa durante o curso?

Não fiz Iniciação Científica, mas acredito que é uma bagagem interessante. É uma experiência que planejo ter no ano que vem.

O que pensa fazer depois de formado?

Não consigo dizer com certeza agora. Caminhos possíveis são trabalhar com desenvolvimento de sistemas eletrônicos, trabalhar com áudio, que é uma área que me interessa, fazer um mestrado. Ou seguir a área acadêmica mesmo. É complicado planejar a vida. Já tentei planejar minha vida, não consegui muito bem. O que eu preciso fazer agora é me formar. E vou seguir para ver o que apa-

rece. Mas, se eu pudesse planejar, seria trabalhar numa empresa de desenvolvimento de eletrônicos ou trabalhar com pesquisa em Educação.

Em um período maior, daqui a uns 10 anos, o que gostaria de estar fazendo?

Eu me vejo talvez pendendo um pouco mais para a área de Educação, dando aula, fazendo pesquisa. Mas não consigo me ver num lugar só. Oportunidades não faltam para também trabalhar numa empresa boa, estável, recebendo bem.

Com relação ao conhecimento que adquiriu na Poli, você acha que está de acordo com o que o mercado exige?

Não é suficiente. Eu digo que na Poli, pelo jeito como muitas matérias são ministradas, matérias importantes, não é possível absorver muito conteúdo. Você aprende muita coisa, mas ainda falta. Precisa de uma dedicação à parte. Uma coisa que a Poli faz é formar pessoas competentes que sabem se virar e ir atrás de soluções.

Hoje, você acha que fez a escolha correta de carreira?

Essa é uma pergunta difícil. Eu acredito que não existe um só caminho correto, existem vários caminhos corretos. Não me arrependo do que fiz, provavelmente faria de novo, mas nunca excluiria outros caminhos. Uma coisa muito boa da Engenharia é que você não está limitado a uma carreira apenas. Eu, por exemplo, não sei como vou seguir quando acabar a faculdade. Mas, principalmente por essa abrangência, Engenharia foi uma ótima escolha.

O que você aprendeu aqui no colégio que mais lhe ajudou na faculdade e em seu dia a dia?

De cara, o que eu lembro que me ajudou bastante foi principalmente Matemática. Aqui teve muitas matérias que obrigaram a gente a pensar um pouco. Tinha a matéria, mas não era óbvio chegar ao resultado, tinha de pensar mais.

Quais são suas recordações da época do colégio?

As maiores recordações que eu tenho são boas, agradáveis. Dos amigos, das aulas, do tempo que ficava depois da aula. Sei que devo bastante a vários professores, eles ensinam a pensar.

Ainda tem amigos da época do Colégio?

Tenho. Vários estão na USP, é fácil a gente se encontrar.

O que mais você quer dizer para nossos alunos?

Eu diria que há pessoas que passam informações erradas porque acham que sabem muito – quando não sabem. As pessoas especiais não tentam se destacar no meio da multidão. Elas se destacam porque têm méritos. Essas pessoas é que queremos ter por perto.